

TEXTO DOS ABSURDOS
(São 20 absurdos. Descubra-os)

Um Domingo em França

Faz hoje dez anos, numa amena tarde de Verão, em meados de Janeiro de 1916, o combóio expresso do meio-dia vindo do Norte atravessou velozmente sem parar, a quinze quilómetros por hora, a Estação Terminal do Oeste.

Um jovem inglês com o rosto todo muito bem barbeado, aparentando cinquenta anos de idade, desceu elegantemente de uma das carruagens de primeira classe e correu vagarosamente pela gare fora com ambas as mãos nos bolsos, transportando uma pesada mala, e encaracolando com graça as pontas do bigode. A sua fala estranha dava a entender que ele seria natural da Alemanha, e que nascera e fora educado sem dúvida nenhuma em França; como tinha os sapatos cheios de pó, deduzia-se que viera a pé da América naquela mesma manhã.

Não havia uma nuvem sequer no céu, e, como a chuva caía em bátegas fortes, tirou a gabardina e meteu-se pelas ruas da cidade apinhadas de gente. Os campos de cereal maduro, através dos quais ia avançando, tornavam-se dourados à medida que o sol declinava ao sul. O semicírculo quadrangular da Lua-Nova brilhava intensamente no alto dos céus. As sombras da noite iam diminuindo com o crepúsculo. E, poucos minutos depois, rompendo com esplendor, o dia alvoreceu.

Parou a meio da ponte de Londres a contemplar as águas cinzentas do Amazonas correndo para o mar em direcção ao Norte, e ouviu as sirenes dos barcos nos montes Pirinéus. Alguns metros acima da sua cabeça estava um avião parado no ar; e por trás de uma nuvem via-se uma gaivota vermelha, com as quatro asas abertas, voando invisivelmente sobre as montanhas da Dinamarca. O relógio, na cúpula da Sé, deu as horas.

«Uma, duas, três» — contou ele — e depois mais dez badaladas. «Devem ser onze e meia», disse ele, «não admira que tenha sede. Tenho de ir à hortaliçeira beber um copo de bife salgado».

